

O conhecimento teórico sobre IST é suficiente para refletir as ações dos jovens e adolescentes?

Is theoretical knowledge about IST enough to reflect the actions of young people and adolescents?

DOI:10.34119/bjhrv5n2-263

Recebimento dos originais: 15/02/2022

Aceitação para publicação: 02/03/2022

Laura Cesar Burni Torres

Graduanda de medicina

Instituição: Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais

Endereço: Alameda Ezequiel Dias, 275, Centro

E-mail: lauraburnitorres@gmail.com

Mariana Barros da costa

Graduanda de medicina

Instituição: Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais

Endereço: Alameda Ezequiel Dias, 275, Centro

E-mail: marianabarros@gmail.com

Raquel Athayde Braga Machado

Graduando de Medicina

Instituição: Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais

Endereço: Alameda Ezequiel Dias, 275, Centro

E-mail: raquelabmachado@gmail.com

Letícia Ceccotti Ribeiro

Graduando de Medicina

Instituição: Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais

Endereço: Alameda Ezequiel Dias, 275, Centro

E-mail: leticiaceccotti@gmail.com

Izabela Silveira Amédée Péret

Graduando de Medicina

Instituição: Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais

Endereço: Alameda Ezequiel Dias, 275, Centro

E-mail: izabelaperet@gmail.com

Georgia de Lima Vieira Carneiro

Graduando de Medicina

Instituição: Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais

Endereço: Alameda Ezequiel Dias, 275, Centro

E-mail: georgiadelima@gmail.com

Gabriella Freitas Pereira Bartolomeu

Graduando de Medicina

Instituição: Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais

Endereço: Alameda Ezequiel Dias, 275, Centro

E-mail: gabriellafpb@gmail.com

RESUMO

Introdução: A grande maioria dos adolescentes inicia sua vida sexual cada vez mais cedo, porém a responsabilidade social não necessariamente acompanha este processo. Apesar de os adolescentes terem acesso a diversas informações sobre sexo e ISTs, principalmente mediante o uso da tecnologia atual, muitas vezes, não utilizam esse conhecimento adequadamente em sua prática sexual. **Objetivo:** Revisar produções científicas sobre o conhecimento dos adolescentes acerca da educação sexual no geral, bem como das ISTs específicas e contracepção, além de investigar sobre como este conhecimento é colocado em prática por eles. **Método:** Este estudo é uma revisão de literatura acerca do conhecimento teórico dos jovens sobre ISTs, publicados nos anos de 2003 a 2020. A busca foi conduzida nas bases de dados Scielo, Pubmed e Google Acadêmico a partir da combinação dos descritores "Doença sexualmente transmissível", "conhecimento" e "adolescentes". **Resultado:** Das 78 publicações identificadas, foram selecionados 16 artigos para serem analisados. **Conclusão:** Tanto as doenças que os jovens se consideram bem informados (HIV e Sífilis), como aquelas em que eles consideram que possuem pouco conhecimento (HPV), têm a sua incidência aumentada nessa faixa etária. Maiores estudos são necessários para entender quais as falhas presentes na educação e a interferência do ambiente na aplicação do conhecimento na prática sexual.

Palavras-chave: "doença sexualmente transmissível", "conhecimento" e "adolescentes".

ABSTRACT

Introduction: The vast majority of teenagers are starting their sexual life earlier, but social responsibility does not necessarily come along. Although adolescents have access to numerous information about sex and STIs, especially with current available technology, they often do not use this knowledge properly in their sexual practice. **Objective:** To review scientific productions concerning adolescents' knowledge on general sexual education, as well as specific STIs and contraception, in addition to investigating how this knowledge is put into practice. **Method:** This study is a literature review on the theoretical knowledge of young people about STIs, published from 2003 to 2020. The search was conducted using Scielo, Pubmed and Google Scholar databases, combining the descriptors "Sexually transmitted diseases", "knowledge" and "adolescents". **Result:** Out of the 78 publications found, 16 articles were selected to be analyzed. **Conclusion:** Both the diseases that young people consider themselves well-informed of (HIV and Syphilis), and those in which they consider to have little knowledge about (HPV), have presented increased incidence in this age group. Further studies are needed to understand the flaws in the educational system and the interference of the environment in the application of knowledge in sexual practice.

Keywords: "sexually transmitted diseases", "knowledge" and "adolescents".

1 INTRODUÇÃO

Adolescência é um período de transição caracterizado por intenso crescimento e desenvolvimento, marcado por transformações anatômicas, fisiológicas, psicológicas e sociais,

compreendendo a faixa etária de 10 a 19 anos.⁽¹⁾ O Ministério da Saúde (BR) define as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) como doenças causadas por vírus, bactérias ou outros microrganismos, transmitidas principalmente pelo contato sexual.⁽²⁾ Essa terminologia passou a ser adotada em substituição à expressão Doenças Sexualmente Transmissível (DST), porque destaca a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas.⁽¹⁾

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde, a grande maioria dos adolescentes inicia sua vida sexual cada vez mais cedo, porém a responsabilidade social tem seu início cada vez mais tarde. Dessa forma, os adolescentes podem apresentar uma vulnerabilidade maior às ISTs e ao Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV).⁽¹⁾

No Brasil, as informações sobre a prevalência de ISTs entre adolescentes são escassas e pontuais. Somente a síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS), a sífilis e as hepatites virais estão na lista nacional de doenças e agravos de notificação compulsória - Sistema de Investigação de Agravos de Notificação - SINAN, não havendo obrigatoriedade do relato de todas as ISTs^(3,4). Ainda assim, esses dados não são tão consistentes devido a existência de subnotificação. Entretanto, dados disponíveis a partir de estudos epidemiológicos que são realizados em serviços que atendem às ISTs ou grupos selecionados sugerem a magnitude deste grupo de enfermidades nesta população.⁽⁵⁾

Um desses estudos epidemiológicos é o Estudo Epidemiológico sobre a prevalência nacional de infecção pelo HPV⁽⁶⁾, no qual foi verificada a prevalência dessa doença em pessoas com idade de 16 a 25 anos. Além disso, o estudo verificou a prevalência de 53,6% de HPV entre a população que participou do estudo, sendo que o HPV de alto risco para o desenvolvimento de câncer presente em 35,2% dos participantes. A prevalência de HPV geral na população feminina pesquisada foi de 54,6% e na masculina, de 51,8%.

O boletim epidemiológico HIV/AIDS - 2018 publicado pelo Ministério da Saúde (BR) demonstra que dentre os indivíduos de 10 a 19 anos, em 2007 e 2019, foram notificados ao Sinan, em 2007, 121 casos de pacientes do sexo masculino e 259 do sexo feminino. Essas notificações representam 2,7% masculino/ 8,3% feminino dos casos notificados. Em 2019 essas notificações totalizaram 664 casos do sexo masculino e 286 do sexo feminino, representando 5,2% dos casos no sexo masculino e 5,9% no sexo feminino.⁽⁷⁾

São múltiplos os motivos que levam um adolescente a não utilizar métodos contraceptivos em suas relações sexuais⁽¹⁾. Isso se deve, em geral, à descoberta precoce da sexualidade, à multiplicidade de parceiros, a maior liberdade sexual, às dúvidas sobre a transmissão das ISTs, e à necessidade de afirmação dos adolescentes do sexo masculino ao

associarem a masculinidade com a recusa e resistência ao uso de preservativos⁽⁸⁾. Além disso, os avanços tecnológicos e da terapia medicamentosa levam os adolescentes a relativizar as medidas preventivas, além da confiança no parceiro e do destemor do contágio pelas doenças⁽⁹⁾. Os adolescentes são distintos entre si e lidam com sua sexualidade de forma diversa, sendo o uso do preservativo, o oposto da espontaneidade que se costuma atribuir ao sexo e à juventude.⁽³⁾

Atualmente, as fontes de conhecimentos são diversas e, muitas vezes, extremamente acessíveis através do acesso à internet. Além disso, o conhecimento sobre diversas ISTs é transmitido para os adolescentes através da escola, familiares e, principalmente por meio da convivência com os amigos. No entanto, apesar dos adolescentes serem “bombardeados” com diversas informações, corretas ou não, sobre sexo e ISTs, muitas vezes, não utilizam esse conhecimento adequadamente em sua prática sexual. Nesse contexto, percebe-se que, além de disponibilizar conhecimento sobre saúde sexual aos adolescentes, é necessário verificar se esse conhecimento está influenciando o comportamento correto dessa faixa etária.

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo revisar produções sobre o conhecimento dos adolescentes acerca da educação sexual no geral, bem como das ISTs específicas e contracepção, além de investigar sobre como este conhecimento é colocado em prática por eles.

2 METODOLOGIA

Este estudo é uma revisão de literatura acerca do conhecimento teórico dos jovens sobre ISTs, publicados nos anos de 2003 a 2020. Foram analisados artigos de língua inglesa, portuguesa e espanhola, excluindo-se livros, teses, conferências e outros. Para a busca dos artigos foram utilizadas as bases de dados Scielo e Pubmed, com os descritores “Doença sexualmente transmissível”, “conhecimento”, “adolescentes”, “educação em saúde”, “análise do comportamento”, “comportamento do adolescente”, “estudante”, “educação sexual”, “saúde do adolescente”. Para a seleção dos estudos, primeiramente foi feita uma análise por título e, posteriormente, por resumo, o que permitiu a exclusão de 62 entre 78 estudos por: a) Restringirem o grupo estudado, por exemplo, algumas pesquisas relacionam o comportamento sexual apenas de jovens estudantes de enfermagem, ou homossexuais, ou na cultura hip hop, ou aqueles com síndrome de Down. b) Direcionarem o estudo para um tema não abordado, nesse caso os estudos focam na prática sexual relacionada ao uso de drogas, a violência interpessoal, a religião ou até mesmo a contracepção de emergência. c) Serem

específicos de alguma região fora do Brasil, como no oeste da África, em regiões específicas da Colômbia e de Portugal.

3 RESULTADOS

No presente estudo, foram selecionados 16 artigos, dentre eles revisões literárias, estudos observacionais descritivos, quantitativos e transversais e estudos descritivo analítico, os quais obtiveram como amostras adolescentes na faixa etária entre 10 e 19 anos. Os resultados relacionados ao comportamento dos adolescentes diante dos seus conhecimentos sobre ISTs foram analisados, organizados e apresentados a seguir:

AUTOR	TÍTULO/ANO	OBJETIVO	TIPO DE ESTUDO	RESULTADOS
SILVA, Sílvia Manuela Dias Tavares da et al	Diagnóstico do conhecimento dos adolescentes sobre sexualidade/2020	Realizar o diagnóstico do conhecimento dos adolescentes sobre sexualidade para a implementação, à posteriori, de um programa específico e direcionado de intervenção.	Estudo observacional-descriptivo, quantitativo, transversal	Amostra de conveniência de 136 adolescentes, entre os 14-19 anos, majoritariamente do sexo masculino (54,4%). A média de conhecimento é de 18,6 (DP=2,71), sendo as áreas em que os adolescentes apresentam menores conhecimentos as seguintes: “Primeira relação sexual e relações sexuais”; “Prevenção da gravidez”; e “Aconselhamento e atendimento em saúde sexual e reprodutiva”. Existe apenas diferença significativa favorável às do sexo feminino na dimensão “Prevenção da gravidez”. Como fatores que influenciam positivamente o conhecimento dos adolescentes identificam-se a escolaridade ao nível do ensino superior dos pais com enfoque maior nas mães, e um dos pais ser profissional de saúde.
MIRANDA, Patrícia Sofia Ferreira et al.	Comportamentos sexuais: estudo em jovens/2018	Caracterizar os comportamentos sexuais em uma amostra de adolescentes e jovens.	Estudo descritivo analítico	Foi realizado um questionário sobre comportamentos sexuais adaptado da Organização Mundial da Saúde. O questionário foi distribuído a estudantes entre os 14 e os 24 anos de uma cidade portuguesa, em período de 2 meses. Definiram-se dois grupos etários: G1, para estudantes de 14 a 19 anos; e G2, de 20 a 24 anos. Da amostra, constaram 2.369 estudantes, sendo 61% do sexo feminino e 70% do G1. A média de idade da primeira relação sexual foi de 16,4± 1,8 anos. Foi utilizado método contraceptivo na primeira relação sexual em 93%. Dos que não utilizaram, 83% pertenciam ao G1 (p<0,001). Entre os estudantes, 54% recorreram pelo menos uma vez à contracepção de emergência (63% do G2; p<0,001). Dos que tiveram relações sexuais desprotegidas, 9% estavam sob influência do álcool. Destes últimos, 53,6% eram do sexo feminino e 53,4% pertenciam ao G2 (p<0,001). Os contatos homossexuais ocorreram em 21% dos casos, dos quais 62% eram do G1 e 84% do sexo feminino (p<0,001).
COSTA, Ana Cristina Pereira de Jesus et al	Protagonismo de adolescentes na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis/ 2015	Analisar o protagonismo de adolescentes escolares na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.	Estudo qualitativo do tipo pesquisa-ação	Os adolescentes que fizeram parte da pesquisa tinham idade entre 15 e 16 anos; eram solteiros; alguns com parceiro fixo; residiam com os pais biológicos, mãe e irmãos; e participavam das atividades do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas há pelo menos 6 meses. Após a escuta ativa dos adolescentes, listaram-se sugestões para construir o ambiente da intervenção educativa. Assim, foi solicitado que eles apresentassem palavras ou elementos que expressassem o conjunto para formação desse ambiente educativo. A elaboração da intervenção educativa teve a participação dos adolescentes, seguindo os princípios da Community-based Participatory Research (CBPR), no planejamento da sala, em termos de organização, layout e decoração e demonstrou a motivação e o interesse em colaborar com a atividade educativa, deixando que o espaço refletisse a imagem do adolescente e um sentimento de pertença, que emergiu dando lugar para autoria e protagonismo. Além da composição do ambiente, os adolescentes relataram sobre a necessidade de incluir materiais

				educativos sobre a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e Aids que pudessem ser discutidos no momento da intervenção, de modo a potencializar os conhecimentos. No presente estudo, os adolescentes consideraram como tema prioritário para ser debatido na intervenção o uso do preservativo nas relações sexuais, com foco na adesão.
BEZERRA, Elys de Oliveira et AL	Representações sociais de adolescentes acerca da relação sexual e do uso do preservativo/2015	Identificar como se estruturam as representações sociais sobre relação sexual e uso do preservativo para adolescentes.	Estudo exploratório e descritivo	Os adolescentes que constituíram a amostra estavam igualmente distribuídos quanto ao sexo (117 do sexo masculino e 117 do sexo feminino), tinham média de idade de 16,5 anos ($\pm 2,5$), e cursavam o Ensino Médio. Entre a amostra considerada, 46,5% (108) já iniciaram a vida sexual. Dentre estes, 64,8% (70) são do sexo masculino. A média da idade na primeira relação sexual foi de 14,7 anos ($\pm 3,2$). A maioria destes adolescentes teve relação sexual nos últimos doze meses (88; 81,5%) e referiu ter utilizado preservativo tanto na primeira (64; 59,2%) quanto na última relação sexual (74; 68,5%). Observou-se considerável parcela da amostra que não adotou o preservativo na primeira (44; 40,8%) nem na última relação (34; 31,5%).
SASAKI, Reinaldo Satoru Azevedo et AL	Comportamento sexual de adolescentes escolares da cidade de Goiânia, Goiás/2014	Investigar as características do comportamento sexual de adolescentes escolares e verificar se há diferenças em relação ao sexo dos estudantes e ao tipo de escola.	Estudo transversal	A amostra foi composta por 3.099 escolares do 9º ano residentes em Goiânia (GO), com predomínio das idades de 13 a 15 anos, que responderam um questionário sobre fatores de risco e proteção à saúde. Os resultados demonstraram que a prevalência de relação sexual alguma vez na vida foi de 26,5%, e, no último ano, foi de 18,5%, sendo mais frequentes entre os meninos e estudantes de escolas públicas. A maioria teve a primeira relação com 13 anos ou menos, com até 3 parceiros, utilizou algum método contraceptivo na última relação e recebeu orientação sobre prevenção na escola. A idade da primeira relação foi mais precoce e o número de parceiros foi mais elevado entre os meninos. O relato de orientações recebidas sobre prevenção de gravidez foi mais frequente entre meninas e nas instituições privadas. Nestas, foi também mais elevado o relato de orientações sobre DST/AIDS.
TAVARES LUNA, Izaildoet al	Ações educativas desenvolvidas por enfermeiros brasileiros com adolescentes vulneráveis às DST/AIDS/2012	Caracterizar os trabalhos produzidos e sintetizar a contribuição dos enfermeiros ao enfoque das ações educativas desenvolvidas com adolescentes em situação de vulnerabilidade às DST/Aids.	Revisão integrativa de literatura	Fizeram parte da pesquisa seis artigos em que os sujeitos envolvidos nos estudos analisados envolviam adolescentes e jovens de baixa renda que vivem em um contexto de pobreza e se apresentam em situação de vulnerabilidade social, com faixa etária de 13 a 24 anos, de ambos os sexos, e estudantes de escolas públicas das regiões onde os estudos se desenvolveram. Em relação aos resultados dos estudos, a maioria evidenciou que os adolescentes manifestaram várias dúvidas em relação à sexualidade, aos métodos anticoncepcionais e, principalmente, sobre a prevenção das DST/AIDS. Muitos dos participantes dos estudos apresentaram medo e constrangimento em falar sobre as expectativas em relação ao comportamento sexual futuro, sendo que um grande número dos adolescentes não conhece o próprio corpo, mostrando-se incapaz de reconhecer os sintomas das DST e as formas de contágio da AIDS. Pode-se verificar a necessidade intervenções mais efetivas direcionadas a esse grupo a partir de suas necessidades específicas.

Bretas, José Roberto da Silva; Ohara, Conceição Vieira da Silva; Jardim, Dulcilene Pereira; Muroya, Renata de Lima.	Conhecimento sobre DST/AIDS por estudantes adolescentes/2009	Identificar o conhecimento de adolescentes sobre as formas de transmissão e prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis	Estudo descritivo	O estudo envolveu 920 adolescentes entre 10 e 19 anos de idade dos dados foram obtidos por meio de um questionário estruturado. Os resultados demonstraram que a principal fonte para obtenção de informações sobre o assunto foi o professor; as Doenças Sexualmente Transmissíveis não são totalmente desconhecidas para os adolescentes do estudo, sendo a AIDS a mais conhecida.
BARRETO, Ana Cláudia Mateus; SANTOS, Rosângela da Silva.	A vulnerabilidade da adolescente às doenças sexualmente transmissíveis: contribuições para a prática da enfermagem/ 2009	Identificar a condição de vulnerabilidade da adolescente em atendimento em maternidade pública no Rio de Janeiro; descrever as estratégias adotadas por adolescentes para prevenção das doenças sexualmente transmissíveis; analisar, a partir da história de vida de adolescentes, sua condição de vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis.	Estudo descritivo de natureza qualitativa	Evidenciou-se que as adolescentes, ao conviverem em núcleos familiares não coesos, são menos resilientes e, conseqüentemente, mais vulneráveis a contrair uma DST. O estudo evidenciou a importância de os enfermeiros se apropriarem dos conceitos de vulnerabilidade e resiliência para se tornarem aptos a estimular e aumentar a autoestima das adolescentes, e diminuir a sua vulnerabilidade às DST. A vulnerabilidade das adolescentes às DST é algo muito mais complexo do que simplesmente a utilização do preservativo, pois a este hábito estão atreladas questões de ordem sociais, culturais e individuais.
Barbosa, Stella Maia; Costa, Patrícia Neyva Pinheiro da; Vieira, Neiva FrancenelyCunha.	Estágios de mudança dos pais nas conversas com os filhos sobre prevenção hiv/aids /2008	Identificar o conhecimento de adolescentes sobre as formas de transmissão e prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis.	Estudo descritivo	Os informantes do estudo foram pais de adolescentes com faixa etária de 10 a 19 anos. Dos pais, participantes do estudo, 25 (96%) eram do sexo feminino e 1 (4%) masculino. No que se refere à faixa etária, eles se encontravam entre 35 e 55 anos, sendo a maior frequência entre 35 e 48 anos (88,4%). Segundo a pesquisa, os pais que procuravam alguma fonte de informação para tirar dúvidas suas ou dos filhos sobre sexo/sexualidade foram 14 (53,8%) e, desses, 5 (35,8%) relataram a televisão como fonte de informação, 3 (21,4%) citaram a escola, 3 (21,4%) falaram que procuravam amigos ou familiares e 3 (21,4%) buscam um profissional de saúde para tirar dúvidas. Dos que disseram que não procuravam informações sobre o assunto, 12 (46,2%) relataram falta de interesse em fazê-lo, por

				<p>não saberem onde procurar ou porque nunca precisaram de informações para tirar dúvidas.</p> <p>Sobre os filhos conversarem a respeito da temática sexo/sexualidade na escola, todos os pais concordaram com a prática dessa atividade. Dessa forma, pode-se concluir que a maioria relatou que conversam ou têm interesse em conversar com os filhos sobre a temática, apesar de alguns terem evidenciado dificuldades para isso, havendo necessidade de maior esclarecimento sobre medidas preventivas de HIV/AIDS ou gravidez indesejada. Portanto, pode-se inferir que estratégias devem ser criadas juntamente com a família, escola e unidades de saúde para promover melhor comunicação no contexto familiar dos adolescentes, de forma a favorecer lhes uma vida sexual e reprodutiva mais saudável.</p>
Paiva, Vera; Calazans, Gabriela; Venturi, Gustavo; Dias, Rita.	Idade e uso de preservativo na iniciação sexual de adolescentes brasileiros/ 2008	Analisar a idade e o uso do preservativo na iniciação sexual de adolescentes brasileiros em dois períodos: 1998 e 2005.	Estudo transversal	Foi realizado uma pesquisa em 1998 e uma em 2005. Em 1998, a amostra foi de 312 jovens de 16 a 19 anos sexualmente ativos. Em 2005 foi de 358 jovens. Em 2005: 61,6% dos jovens entrevistados tinham se iniciado sexualmente, cuja idade média foi 14,9 anos, sem diferenças significativas para os jovens entrevistados em 1998. A proporção de jovens brasileiros que tinham tido pelo menos uma relação sexual na vida manteve-se estável entre 1998 e 2005, oscilando de 61,0% para 61,6 %. Em 2005, 55,9% dos jovens com ensino médio/superior haviam tido uma relação sexual, comparado a 70,2% nesta condição em 1998. Por outro lado, entre jovens pentecostais observou-se aumento da proporção dos que se iniciaram sexualmente, de 33,3% (1998) para 49,4% (2005). A idade média de início da vida sexual entre os jovens também se manteve estável, oscilando de 14,7 anos, em 1998, para 14,9 anos em 2005, sem mudanças significativas (IC 95%) entre os períodos. O uso do preservativo na primeira relação sexual entre os jovens de 16 e 19 anos teve aumento entre 1998 e 2005 (de 47,8% para 65,6%, $p < 0,000$), a mudança pôde ser observada tanto entre os que tiveram a primeira experiência em relacionamento estável (de 48,5% para 67,7%), como entre os que tiveram iniciação em relacionamento eventual (de 47,2% para 62,6%). Em análise mais detalhada da queda do uso de preservativo para o total de jovens que tiveram a primeira relação sexual antes dos 14 anos, observa-se que foi expressiva, sobretudo na região Sudeste (de 90,7% para 25%, $p < 0,000$) e entre os jovens que atingiram o ensino médio ou superior (de 63,3% para 22,6%, $p = 0,001$).
BESERRA, Eveline Pinheiro; ARAUJO, Márcio Flávio Moura de; BARROSO, Maria Grasiela Teixeira.	Promoção da saúde em doenças transmissíveis - uma investigação entre adolescentes/ 2006	Relatar uma experiência de promoção da saúde no contexto das doenças	Estudo observacional, qualitativo do tipo pesquisa-ação.	Foi identificado que os adolescentes tinham pouco conhecimento sobre os meios de prevenção das doenças transmissíveis (DT) e de sobremodo das doenças sexualmente transmissíveis (DST). Ao final do círculo de cultura, os jovens referiram mudança de comportamento.

		transmissíveis com adolescentes.		
MARTINS, Laura B. Motta et al	Fatores associados ao uso de preservativo masculino e ao conhecimento sobre DST/AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo, Brasil/2006	Avaliar a prevalência de uso de preservativo masculino, o nível de conhecimento sobre DST/AIDS e os fatores associados ao uso consistente de preservativo masculino e ao conhecimento adequado sobre DST/AIDS, em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo.	Estudo transversal do tipo inquérito CAP (Conhecimento, Atitude e Prática).	Houve predomínio do uso de preservativo entre adolescentes do sexo feminino tanto nas escolas públicas quanto nas privadas pertencentes à religião católica seguida da evangélica. A média de idade foi de $15,1 \pm 1,5$ anos nas escolas públicas e $14,7 \pm 1,6$ anos nas escolas privadas. Em relação à escolaridade dos pais, mais de 80% dos pais e das mães dos alunos das escolas privadas tinham escolaridade média ou superior, comparados a aproximadamente 40% dos pais e mães das escolas públicas. Observou-se que, nas escolas privadas, houve menor percentual de adolescentes sexualmente ativos, e nessas escolas, a proporção de adolescentes que iniciaram as relações sexuais até os 16 anos de idade foi menor do que nas escolas públicas. A idade mediana da menarca foi de 12,4 anos na escola privada e 12,6 anos na pública ($p = 0,05$) e da primeira relação sexual foi em torno de 17,5 anos para ambos os tipos de escolas. A prevalência de uso do preservativo masculino na primeira relação sexual foi maior entre os adolescentes das escolas privadas. Entretanto, não houve diferença estatisticamente significativa entre os dois grupos de escola, quanto ao uso do preservativo masculino atualmente e na última relação sexual. Observou-se que a maioria dos adolescentes dos dois grupos de escolas tinha uma opinião favorável ao uso do preservativo masculino. Em relação à atitude dos adolescentes frente ao estudante portador do vírus da AIDS, maior proporção de estudantes das escolas públicas não concordara que esses alunos continuassem frequentando a escola. Em relação ao conhecimento sobre transmissão e prevenção de DST/AIDS, houve uma porcentagem de acerto maior, para a maioria das questões, entre os alunos das escolas privadas, uma vez que 90,7% deles atingiram o escore de conhecimento $> 3,5$, considerado adequado, enquanto que, na escola pública, 80,1% dos adolescentes alcançaram esse índice. A análise múltipla por regressão de Poisson permitiu identificar os fatores associados ao conhecimento adequado sobre prevenção de DST/AIDS. De acordo com esses resultados, maior escolaridade (Ensino Médio), sexo feminino, estudar na escola privada, ser branco(a), ser solteiro(a) foram fatores associados positivamente a um maior conhecimento.
MIRANDA, Angélica Espinosa; GADELHA, Angela Maria Jourdan; SZWARCWALD, Célia Landmann	Padrão de comportamento relacionado às práticas sexuais e ao uso de drogas de adolescentes do sexo feminino residentes em Vitória, Espírito	Descrever o comportamento sexual de risco em relação às infecções sexualmente transmissíveis de adolescentes brasileiras, residentes em uma área de	Estudo descritivo	A média de idade das participantes foi de 17 anos e a distribuição por ano de idade, entre 15 e 19 anos -36,7% das adolescentes relataram algum tipo de violência na família. Este percentual foi superior a 40,0% entre as adolescentes com renda familiar até 1,9 salários mínimos. Considerando a violência com parceiro sexual, 27,2% das adolescentes com parceiro sexual relataram algum tipo de violência, sendo que o menor percentual ocorreu entre as adolescentes de maior renda familiar (18,8%). Em segundo lugar, percebe-se que 20,4% das adolescentes relataram violência familiar e violência com parceiro sexual, enquanto 56,6% não relataram nenhum tipo de violência, percentual este que variou de 53,8% a 58,9%, da mais baixa até a mais alta

	Santo, Brasil, 2002 /2005	Vitória, capital do Estado do Espírito Santo, assistida pelo Programa Saúde da Família (PSF), com a finalidade de elaborar estratégias de prevenção e assistência direcionadas a esta população.		<p>categoria de renda. Acesso às informações sobre sexualidade, contracepção, DST e AIDS e características do comportamento sexual das adolescentes: Apesar de mais de 90,0% ter relatado acesso às informações sobre riscos e prevenção de DST/AIDS, a presença de história de DST ocorreu em 12,8% da amostra. Destaca-se ainda que 31,6% já haviam engravidado, com 23,8% destas relatando aborto provocado. Apenas 23,4% das adolescentes relataram uso regular de preservativo em todas as relações sexuais, enquanto 34,7% declararam usarem raramente ou nunca. Diferenças maiores por grau de instrução foram encontradas nas proporções de adolescentes que relataram que o pedido de uso de preservativo pelo parceiro demonstra falta de confiança (34,0% para ensino fundamental e 19,0% para ensino médio).</p> <p>Em relação ao uso de preservativo, tanto na primeira, na última relação sexual e na frequência de uso, a proporção foi significativamente maior entre as de melhor escolaridade ($p < 5,0\%$). Da mesma forma, o pedido de uso pelo parceiro como o fato de querer usar também foram relativamente mais frequentes entre as adolescentes de maior grau de instrução. Entretanto, independentemente do grau de escolaridade, proporção elevada foi encontrada (cerca de 45,0%) de jovens que tiveram relação sexual sem preservativo, apesar de terem demonstrado vontade de usar. Associação entre o conhecimento sobre as formas de transmissão e o uso de preservativo na última relação sexual. Primeiramente, observa-se que a maior proporção de acertos foi relativa à transmissão por via sexual (94,4%), enquanto a menor correspondeu à doação de sangue (36,0%). Em segundo lugar, percebe-se que aquelas que já tiveram relação sexual mas não usaram preservativo na última relação têm, em geral, menor grau de conhecimento. Entre as entrevistadas, 11,0% responderam que namorariam uma pessoa infectada pelo HIV, 77,6% têm conhecimento que há pessoas infectadas e que não sabem de sua situação, e aproximadamente, 46,0% têm medo de se infectarem.</p>
ALMEIDA, Maria da Conceição Chagas de et al	Uso de contracepção por adolescentes de escolas públicas na Bahia/2003	Investigar fatores associados ao uso de métodos anticoncepcionais entre adolescentes escolares.	Estudo transversal	A amostra contemplou 4.774 alunos de ambos os sexos, entre 11 e 19 anos. Os resultados demonstraram que entre 1.664 estudantes com iniciação sexual, os fatores associados positivamente ao uso consistente de contraceptivos pelos rapazes incluíram a iniciação sexual mais tardia, com parceria estável, contar com a família como fonte potencial de contraceptivos e acesso a serviços de saúde; entre as moças, ter iniciado a vida sexual há pouco tempo e ter o pai como fonte de informação sobre sexualidade, contracepção e prevenção DST/Aids. A gravidez foi relatada por 6,4% dos rapazes e 18,1% das moças, sendo sua ausência associada ao uso consistente de contraceptivos por elas.
MARTINI, Jussara Gue; BANDEIRA, Adriana da Silva	Saberes e práticas dos adolescentes na prevenção das	Avaliar o conhecimento que os adolescentes possuem em relação	Estudo transversal	Foi realizado em uma escola básica no município de Canoas – RS. Participaram do estudo 121 alunos, com idades entre 12 e 19 anos. A iniciação sexual dos estudantes ocorreu em média dos 12-16 anos, 22,3% deles. O conhecimento que os jovens possuem em relação à transmissão das DST's fica evidenciado quando 79,9% dos

	doenças sexualmente transmissíveis/ 2003	à prevenção e à transmissão das DST's, HIV/AIDS.		entrevistados assinalaram que estas são transmitidas através do contato sexual sem o uso do preservativo. No entanto os mitos e os esteriótipos também estão muito presentes, pois 16,3% dos adolescentes responderam que é possível que a contaminação ocorra usando o banheiro, piscinas ou sauna. O conhecimento que os jovens possuem em relação à transmissão das DST's fica evidenciado em 95% das respostas assinaladas, nas quais relacionaram a transmissão ao contato sexual desprotegido, e 57,9% relacionaram-na ao contato direto com sangue. Diante desses percentuais, podemos observar que a via sexual e a sanguínea são reconhecidas por esses jovens como transmissoras das DST's, mas 13,3% deles desconhecem a forma de transmissão dessas doenças. De acordo com a análise das próximas alternativas, podemos verificar a existência marcante de alguns mitos relacionados à transmissão do HIV: para 16,3% a transmissão do HIV ocorre usando o banheiro, piscinas ou sauna; 29,1% responderam que acontece transmissão através da saliva; para 11,8% o HIV é transmitido através de roupas de cama; 14,7% responderam que isso acontece através do uso de talheres, copos, pratos e outros utensílios; 4,0% responderam que o HIV é transmitido através do suor ou lágrima, 21,0% destacaram a transmissão através do chimarrão e 12,6% responderam que o HIV é transmitido através do convívio com alguém que tenha o vírus, abraçando, beijando, apertando a mão. No que se refere às demais questões relacionadas às DST's, 79,9% dos entrevistados assinalaram que estas são transmitidas através do contato sexual sem o uso do preservativo, enquanto 20,0% desconhecem os mecanismos de transmissão das doenças sexualmente transmissíveis. Com referência às estratégias de prevenção do HIV, os percentuais assinalados pelos adolescentes com maior frequência foram o uso do preservativo, apontado por 31,8%, e o uso individual de seringas e agulhas descartáveis ou esterilizadas, com um percentual de 21,5%.
TAQUETTE, Stella R. et al	Relacionamento violento na adolescência e risco de DST/AIDS/2003	Verificar se o relacionamento afetivo com violência está associado a um maior risco de DST/AIDS	Estudo transversal	A pesquisa envolveu 1.041 jovens de escolas públicas e comunidades, com idade entre 14 e 22 anos, de classes sociais com baixo nível sócio-econômico. Os dados coletados na pesquisa mostrou que a violência faz parte do cotidiano desses jovens nas comunidades em que vivem e dentro de suas próprias famílias. Os fatores identificados como geradores de violência no relacionamento interpessoal foram: falta de dinheiro e de emprego, uso de drogas e álcool, ciúme e infidelidade. Os adolescentes afirmaram que não há negociação quanto ao uso de preservativo quando o parceiro é violento, o que pode ter como consequência um maior risco de DST/AIDS.

4 DISCUSSÃO

Os estudos analisados revelam que os adolescentes e jovens iniciam sua atividade sexual cada vez mais precocemente.⁽¹⁾ A atividade sexual faz parte da construção da identidade dos adolescentes e jovens e esta mudança nem sempre é acompanhada por adequada educação sexual ou por conhecimento da fisiologia ou dos aspectos biológicos da sexualidade e da reprodução. Adolescentes do sexo feminino, em geral, iniciam sua vida sexual mais tarde.⁽⁴⁾

Sabe-se que acesso à contracepção tem aumentado. Em nossa amostra de estudos, a maior parte dos jovens referiu ter usado algum método contraceptivo na primeira relação sexual, principalmente no grupo dos mais novos e no sexo feminino.⁽⁴⁾ No entanto, nas relações sexuais subsequentes, o número de usuários de preservativos reduziu, sendo o uso ainda prevalente no sexo feminino e no grupo dos adolescentes mais novos. Dentre aqueles que não utilizaram contracepção nas relações sexuais subsequentes, os estudos demonstraram diversos motivos para a redução de seu uso, tais como: confiança no parceiro, cultura dos adolescentes, estabilidade do relacionamento, julgarem como desnecessário, principalmente adolescentes mais velhos e do sexo feminino. Crenças, tabus e mitos de que o preservativo reduz o prazer e causa impotência ou desconforto também influenciam negativamente o uso desse método, relatado principalmente pelo grupo do sexo masculino.^(4,10)

Apesar de se observar melhoria nos comportamentos sexuais dos adolescentes e jovens nos últimos anos, a contracepção nem sempre é prioridade no início da vida sexual. Muitos não utilizam qualquer método contraceptivo, ou usam o preservativo de forma incorreta, o que aumenta o risco de gravidez indesejada e de ISTs.⁽⁴⁾

Dessa forma, percebe-se que, muitas vezes, o amadurecimento biológico vem acompanhado por manifestações sexuais que devem fazer parte integrada da personalidade do adolescente. Seja a menarca, nas meninas, ou as ejaculações involuntárias nos meninos, além da própria masturbação são manifestações fisiológicas evidentes, vinculadas às mudanças psicossociais que os jovens estão enfrentando.⁽¹⁾

Diante deste cenário, o estudo de acerca do “Conhecimento sobre DST/AIDS por estudantes adolescentes” de Bretas et al, 2009, evidenciou considerações significativas acerca dos conhecimentos apresentados pelos jovens e seus comportamentos sexuais. Assim, foi visto que no que se refere ao conhecimento geral da população estudada sobre as ISTs, verificamos que 100% dos respondentes (feminino/masculino) referiram estar bem informados sobre a aids; 73% feminino/33% masculino referiram conhecer a gonorréia; 69% (feminino/masculino) a Sífilis; 68% feminino/62% masculino o Herpes Genital; 26% feminino/22% masculino o Cancro Mole; 15% feminino/9% masculino a Candidíase; 9% feminino/12% masculino o

Condiloma Acuminado; 7% feminino/9% masculino a Tricomoniase; apenas 2% feminino/1% masculino o Linfgranuloma Venéreo⁽¹⁾.

Além disso, com relação às formas de prevenção das DST, 92% feminino/78% masculino apontaram o uso do preservativo masculino em todas as relações sexuais como melhor maneira de prevenção; 86% feminino/57% masculino referiram que se deve consultar o médico regularmente; 76% feminino/53% masculino relataram a importância do ato de certificar-se que o parceiro não possua DST; 42% feminino/43% masculino responderam lavar bem os genitais externos após a relação sexual; 1% feminino/2% masculino optaram por não usar nenhum método, pois têm certeza que não pegarão nenhuma DST.⁽¹⁾

Com relação à forma de prevenção das IST, as garotas demonstram ter mais conhecimento que os meninos, principalmente quanto ao uso do preservativo masculino, seguido de consulta médica periódica e maior conhecimento do parceiro sexual. Foi observado que ambos os sexos citaram lavar os genitais após o ato sexual como forma de prevenção, prática extremamente perigosa e equivocada. Outro meio de prevenção apontado foi o fato de que passar a conhecer o parceiro elimina, em nível do imaginário, os riscos de se adquirir uma IST, devendo ter atenção a abordagem desse tema com os jovens.⁽¹⁾

Com relação ao conhecimento, foi possível concluir que os jovens apresentam, no geral, conhecimentos amplos acerca das principais ISTs, especialmente quanto a AIDS, Gonorreia e Sífilis. Contudo, foi observada uma diferença significativa entre o conhecimento que as meninas possuíam, sendo este maior, do que o conhecimento dos meninos. Foi percebido, também, que ambos os sexos não possuíam muito conhecimento acerca de Candidíase, Tricomoniase e principalmente o Condiloma Acuminado (Papiloma Vírus Humano/HPV), fato que possui extrema relevância pois, doenças como a candidíase e tricomoniase se relacionam ao conhecimento e cuidado corporal do adolescente uma vez que não necessariamente essas doenças são transmitidas apenas pela via sexual.⁽¹⁾ Sendo assim, pode-se dizer que esse conhecimento teórico dos adolescentes é suficiente para interferir em seu comportamento? Ou seja, os adolescentes utilizam as informações sabidas para evitar o aumento da incidência e prevalência dessas doenças em sua faixa etária?

De acordo com a pesquisa elaborada por Bretas et al, 2009, 100% dos adolescentes referiram estar bem informados sobre a Aids. Porém, pode-se perceber que apesar de os jovens se terem considerados bem informados sobre a HIV, os dados epidemiológicos do Ministério da Saúde (BR) demonstram que, de 2007 para 2019, houve um aumento nos números absolutos de casos notificados de HIV para os adolescentes, tanto do sexo feminino como do sexo masculino.⁽¹⁾

Esse aumento foi maior nos jovens do sexo masculino corroborando com os estudos do Bretas e Miranda, 2009, que demonstraram que as mulheres, além de ter mais conhecimento sobre os preservativos, os utilizam com mais frequência que os homens.^(1,4) Em relação aos números relativos, pode-se perceber que a representatividade dessa faixa etária quase dobrou no sexo masculino, e no feminino reduziu, uma vez que houve um maior crescimento de número absoluto dessa doença em outras faixas etárias do sexo feminino.⁽¹⁾

Percebe-se que, muitas vezes, o significado dado ao preservativo está diretamente ligado a uma noção equivocada de masculinidade que ainda faz parte da cultura de muitos adolescentes e que usar o preservativo irá “*tirar o prazer*”. Assim, o uso das camisinhas significa racionalizar seus impulsos sexuais, o que para alguns jovens, significa “*tirar a graça*” do ato sexual.⁽¹⁾ Atualmente, o grande desafio em relação à prevenção é o fato de que os muitos adolescentes só usam o preservativo nas primeiras relações sexuais e, nos primeiros sinais de confiança no parceiro, o abandonam.⁽⁹⁾

No que se diz respeito à Sífilis, 69% dos adolescentes entrevistados no estudo do Bretas et al (2009) se disseram bem informados em relação a doença. Porém, conforme dados publicados no boletim epidemiológico do Ministério da Saúde (BR) de 2018, o número de casos de sífilis da faixa etária entre 13 e 19 anos aumentou 2.354% se comparado aos números absolutos de casos em 2010. Em 2010 os casos de sífilis notificados foram 313, o que representa 8% do total de casos notificados. Em 2009 os casos notificados aumentaram para 7.370, o que representa 11% dos casos. Esse grande aumento de casos pode estar relacionado com o uso dos preservativos sexuais que vem caindo ao longo dos anos, especialmente entre os jovens.⁽²⁾

Em relação ao Papilomavírus Humano (HPV), na pesquisa de Bretas et al , 2009, poucos jovens se manifestaram como tendo um bom conhecimento acerca da doença, sendo apenas 9% dos adolescentes do sexo feminino e 12% do sexo masculino.⁽¹⁾ De acordo com os resultados do Estudo Epidemiológico sobre a prevalência nacional de infecção pelo HPV (Estudo POP-Brasil 2017) foi verificada a alta prevalência dessa doença na faixa etária de 16 a 25 anos. Nesse sentido, a pesquisa de Bretas e o Estudo POP-Brasil se corroboram, a medida que eles demonstram que a população jovem tem pouca informação a respeito do HPV, sendo assim a sua prevalência é alta. Além disso, a pesquisa de Bretas et al (2009) demonstrou que mais homens, em comparação com as mulheres, possuem um melhor conhecimento a respeito dessa IST, o que foi refletido no Estudo POP-Brasil do ano de 2017 que demonstrou que a prevalência do HPV na população feminina foi maior do que na masculina.^(1,6)

Neste contexto, as ISTs representam um sério impacto na saúde reprodutiva dos jovens. Dessa forma, além de fornecer informações aos jovens, é preciso conhecer o universo dos

adolescentes, para descobrir as causas das divergências existentes entre conhecimento e comportamento.⁽⁹⁾

Em estudo comparativo de dados da pesquisa DHS (Demography and Health Survey), verificou-se que embora a grande maioria dos adolescentes pesquisados referiram conhecer pelo menos um método contraceptivo, seu uso ainda é irregular e em pequena magnitude. Isso é consistente com outros resultados de pesquisas nacionais, indicando que o uso da contracepção não tem, necessariamente, uma relação direta com o conhecimento dos adolescentes, envolvendo outros determinantes.⁽¹¹⁾

Os adolescentes associaram os termos “segurança”, “proteção”, “responsabilidade” e “tranquilidade” ao sexo com um preservativo, o que mostra que eles entendem que o preservativo é o principal método de prevenção de IST / HIV / AIDS.⁽¹⁰⁾ Porém, algumas doenças podem ser transmitidas de outras formas, como através do sangue, da amamentação, de mãe para o filho. Sendo assim, é importante que todas as formas de transmissão sejam reconhecidas pelos jovens para que eles possam saber como se prevenir.

Identificamos que a maioria dos adolescentes, com predominância do sexo feminino, tem como principais fontes de informação sobre as IST/Aids: a televisão; os professores; os veículos da mídia como revistas, jornais e livros; amigos(as). Sobre este assunto vale ressaltar então a baixa referência dos pais como fonte de informação sobre as ISTs.⁽¹⁾ De maneira geral, a maioria dos pais relatou que conversam ou tem o interesse de conversar com os filhos sobre a temática, porém relataram dificuldades para isso, e nota-se que, essas conversas, quando ocorrem, são de maneira superficial.⁽¹²⁾

Na análise do estudo, encontraram-se pais que diziam conversar com os filhos sobre sexo/sexualidade e medidas preventivas de HIV/AIDS e em uma de suas narrativas relataram que não atribuíam risco de infecção para HIV/AIDS em seus filhos, pois eles não andavam com “grupos de risco”.⁽¹²⁾ Acredita-se que esse resultado ilustra a dificuldade dos pais em esclarecer os filhos sobre HIV/AIDS, o que pode estar relacionado com a baixa escolaridade dos pais e à dificuldade em obter informações sobre o assunto.⁽¹²⁾

O cenário agrava-se pelo fato de muitos pais considerarem-se despreparados para orientar seus filhos, não conseguindo abordar sobre sexualidade e nem sobre a prática de sexo seguro, em decorrência de vários fatores, entre eles: a vergonha, a falta de instrução sobre IST e de liberdade com os filhos, o que, em grande parte, podemos atribuir como resultado da cultura na qual eles vivem, em que o sexo ainda é um tabu. Assim, cabe ao profissional de saúde orientar pais e filhos a respeito desse assunto.⁽¹³⁾

Quanto à escolaridade, acredita-se que tenha influência no processo de comunicação entre pais e filhos. A baixa escolaridade dificulta o acesso a informações sobre sexo/sexualidade e medidas preventivas das ISTs, interferindo também no diálogo sobre sexualidade com os filhos.⁽¹²⁾

Em contrapartida, as escolas em geral também possuem dificuldades em trabalhar esses temas, pois ainda não existe preocupação das autoridades educacionais e da escola para que uma disciplina possa fazer parte dos currículos escolares ou da formação dos professores. Além disso, o contexto cultural, ou seja, os tabus, os mitos e preconceitos também dificultam a abordagem desses temas em sala de aula.⁽¹⁴⁾ . Nesse contexto, uma possível abordagem para a educação voltada à saúde sexual deve proporcionar o questionamento dos jovens a respeito das suas condutas e decisões buscando a redução de riscos.⁽¹⁵⁾

A atividade sexual na adolescência está, frequentemente, associada a alguns comportamentos de risco, especialmente o consumo de álcool, tabaco ou outras drogas.⁽⁴⁾ Segundo o estudo de Miranda et al, 2018, grande parte dos jovens que já teve sua primeira relação sexual iniciou o consumo de álcool regularmente e uma percentagem significativa (9%) referiu não ter utilizado o preservativo, por estar muito embriagado para o fazer.⁽⁴⁾

Sabe-se que algumas drogas atuam como estimulantes sexuais, de forma a diminuir a inibição e aumentar o desejo sexual. Dessa forma, os jovens que consomem álcool e outras drogas têm relações sexuais de forma mais frequente e mais precoces, com mais parceiros sexuais, mais relações desprotegidas, estando mais vulneráveis às ISTs.⁽⁴⁾

Outro ponto importante nessa discussão se baseia em considerar que, diante dos jovens, uma vez despertado o desejo, o uso do preservativo se dá na maioria das vezes de maneira não assertiva. Nesse sentido, no período da adolescência, o indivíduo normalmente age de forma impulsiva, impelido pela sensação de invulnerabilidade, muitas vezes aumentada pela utilização de bebidas alcoólicas e/ou drogas.⁽⁸⁾

Dessa forma, é possível perceber que os jovens ainda ocupam na sociedade uma posição frágil de decisão, dúvidas e incertezas, merecendo, portanto, cuidados e ações especiais, que devem ser realizadas, não só pelo Estado, como também, pela sociedade como um todo. Assim, na busca de se reduzir os índices de IST na adolescência são necessários vários tipos de intervenções. Dentre essas, simples campanhas informativas e distribuição de preservativos pelo Estado não são suficientes, sendo necessário que ações sejam realizadas permitindo melhorias no acesso à educação, dando ênfase à educação sexual, à saúde e a profissionalização e a, conseqüente, inserção no mercado de trabalho. Além disso, para os profissionais de saúde,

é importante que possam realmente ouvir os jovens para que as ações de saúde possam, de fato, incluí-los, permitindo que os adolescentes sejam ativos na construção de sua sexualidade.⁽³⁾

Assim, foi possível evidenciar que a vulnerabilidade das adolescentes às ISTs é algo extremamente complexo que vai muito além do que simplesmente a utilização do preservativo. Essa prática está relacionada a questões de ordem sociais, culturais e individuais.⁽⁸⁾ Sabendo que os jovens são um grupo com diversas especificidades e singularidades, há de se repensar a sexualidade humana de maneira mais abrangente, trabalhando, portanto, a construção da sexualidade entre os jovens com maior eficácia.⁽³⁾

5 CONCLUSÃO

Apesar de os estudos terem demonstrado que os jovens se consideram bem informados a respeito da HIV e da Sífilis, os número de casos dessas doenças vêm aumentando. Diante disso, pode-se aferir que muitos adolescentes iniciam a vida sexual de forma precoce e quando ainda apresentam pouco conhecimento sobre as ISTs, tendo uma percepção equivocada sobre as formas de transmissão e as consequências pessoais e sociais de adquirir essas doenças. Portanto, mediante esse cenário, é necessário que a atenção de profissionais de diversas áreas, familiares e educadores esteja voltada para esse público a fim de prover orientações, ratificando os riscos que envolvem a não prevenção de ISTs.

Além disso, a baixa referência dos pais como fonte de informação sobre as ISTs ampara a continuidade da cultura presente no Brasil em que os temas sexo e sexualidade são considerados tabus. Sendo este um assunto que deveria ser iniciado dentro de casa, ainda na infância, para que assim os adolescentes não tenham vergonha e não se sintam intimidados para conversar sobre prevenção e para se interessarem mais sobre as ISTs.

Deste modo, verifica-se a necessidade de construir um conhecimento consolidado sobre o exercício seguro da sexualidade, sendo que este deve envolver o entendimento dos jovens de que eles possuem responsabilidades individuais e sociais, e que seu comportamento influencia diretamente no desenvolvimento da sociedade. Para isso, deve-se implementar políticas públicas e privadas de educação em saúde em que discussões sobre esse tema sejam realizados, de modo que os adolescentes se sintam confortáveis e entendam com clareza sobre as ISTs mais incidentes e prevalentes nas regiões em que vivem.

Nessa perspectiva, pode-se realizar círculos de cultura, fundamentados na dialógica freireana, por exemplo, que envolve a constituição do eu e do outro, sendo um meio pelo qual o sujeito busca sua compreensão na história, permitindo sua transformação na sociedade por uma busca da liberdade de decisão e suas consequências a fim de se promover a saúde. Essa

ação dinamiza o processo educativo repercutindo em mudanças de comportamento do adolescente sobre a prevenção dessas doenças⁽¹³⁾. Também é importante que os pais comecem a participar do desenvolvimento do conhecimento sexual de seus filhos, para que assim, a educação sexual em saúde comece na infância e dentro de casa.

Adicionalmente, foi demonstrada a necessidade de mais estudos sobre as causas específicas, envolvendo, sobretudo, os aspectos psicossociais que levam os adolescentes a não adesão do uso do preservativo, além de entender e fundamentar as formas da transferência de conteúdo dentro da educação sexual fornecida a eles, entendendo se há trocas efetivas.

REFERÊNCIAS

- 1) Brêtas José Roberto da Silva, Ohara Conceição Vieira da Silva, Jardim Dulcilene Pereira, Muroya Renata de Lima. Conhecimento sobre DST/AIDS por estudantes adolescentes. *Rev. esc. enferm. USP* [Internet]. 2009 Sep [cited 2020 Jul 2]; 43(3): 551-557. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342009000300008&lng=en.
- 2) Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. Boletim Epidemiológico HIV/Aids. Brasília, DF; 2018 [cited 2020 Jul 10];49(53). Available from: http://www.aids.gov.br/system/tdf/pub/2016/66196/boletim_hiv_aids_12_2018.pdf?file=1&type=node&id=66196&force=1
- 3) Taquette Stella R., Ruzany Maria Helena, Meirelles Zilah, Ricardo Isabel. Relacionamento violento na adolescência e risco de DST / AIDS. *Cafajeste. Saúde Pública* [Internet]. Outubro de 2003 [cited 2020 May 20]; 19 (5): 1437-1444. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000500022&lng=en. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2003000500022>
- 4) Miranda Patrícia Sofia Ferreira, Aquino Joana Margarida Gonçalves, Monteiro Ricardo Miguel Patrício de Carvalho, Dixe Maria dos Anjos Coelho Rodrigues, Luz Alexandra Maria Branco da, Moleiro Pascoal. Sexual behaviors: study in the youth. *Einstein (São Paulo)* [Internet]. 2018 [cited 2020 May 24] ; 16(3): eAO4265. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-45082018000300211&lng=en. Epub Sep 17, 2018. <https://doi.org/10.1590/s1679-45082018ao4265>.
- 5) Nery JAC, Sousa MDG, Oliveira EF, Quaresma MV. Infecções sexualmente transmissíveis na adolescência. *ResidPediatr.* [Internet]; 2015; [cited 2020 jul 10] ; 5(3 Supl.1):64-78 Disponível em: <https://doi.org/10.25060/residpediatr>
- 6) Associação Hospitalar Moinhos de Vento. Estudo Epidemiológico sobre a Prevalência Nacional de Infecção pelo HPV (POP-Brasil): Resultados preliminares – Associação Hospitalar Moinhos de Vento – Ministério da Saúde (BR) [Internet]. 2017 Nov [cited 2020 jul 10] : 120 p. Disponível em: http://www.iepmoinhos.com.br/pesquisa/downloads/LIVRO-POP_Brasil_-_Resultados_Preliminares.pdf
- 7) Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Estudo inédito revela prevalência nacional do HPV em pessoas com idade entre 16 e 25 anos. Ministério da Saúde (BR) [Internet]. 2018 May 24 [cited 2020 Jul 10];Saúde:[about 5 screens]. Available from: <http://www.aids.gov.br/pt-br/noticias/estudo-inedito-revela-prevalencia-nacional-do-hpv-em-pessoas-com-idade-entre-16-e-25-anos>. Acedido 10 de Julho de 2020.
- 8) Barreto Ana Cláudia Mateus, Santos Rosângela da Silva. A vulnerabilidade da adolescente às doenças sexualmente transmissíveis: contribuições para a prática da enfermagem. *Esc. Anna Nery* [Internet]. 2009 Dec [cited 2020 May 23] ; 13(4): 809-816. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452009000400017&lng=en. <https://doi.org/10.1590/S1414-81452009000400017>

- 9) Costa Ana Cristina Pereira de Jesus, Araújo Márcio Flávio Moura de, Araújo Thiago Moura de, Gubert Fabiane do Amaral, Vieira Neiva Francenely Cunha. Protagonismo de adolescentes na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. *Acta paul. enferm.* [Internet]. 2015 Aug [cited 2020 May 20] ; 28(5): 482-487. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002015000500482&lng=en. <https://doi.org/10.1590/1982-0194201500080>
- 10) Bezerra Elys de Oliveira, Pereira Maria Lúcia Duarte, Chaves Ana Clara Patriota, Monteiro Priscila de Vasconcelos. Representações sociais de adolescentes acerca da relação sexual e do uso do preservativo. *Rev. Gaúcha Enferm.* [Internet]. 2015 Mar [cited 2021 Apr 16] ; 36(1): 84-91. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472015000100084&lng=en. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2015.01.45639>.
- 11) Almeida Maria da Conceição Chagas de, Aquino Estela Maria Leão de, Gaffikin Lynne, Magnani Robert J. Uso de contracepção por adolescentes de escolas públicas na Bahia. *Rev. Saúde Pública* [Internet]. 2003 Oct [cited 2021 Apr 16] ; 37(5): 566-575. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102003000500004&lng=en. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102003000500004>.
- 12) Barbosa Stella Maia, Costa Patrícia Neyva Pinheiro da, Vieira Neiva Francenely Cunha. Estágios de mudança dos pais nas conversas com os filhos sobre prevenção HIV/AIDS. *Rev. Latino-Am. Enfermagem* [Internet]. 2008 Dez [citado 2021 Abr 16] ; 16(6): 1019-1024. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692008000600013&lng=pt. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692008000600013>.
- 13) Beserra Eveline Pinheiro, Araújo Márcio Flávio Moura de, Barroso Maria Grasiela Teixeira. Promoção da saúde em doenças transmissíveis: uma investigação entre adolescentes. *Acta paul. enferm.* [Internet]. 2006 Dez [cited 2020 may 20] ; 19(4): 402-407. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002006000400006&lng=pt. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002006000400006>.
- 14) Martini Jussara Gue, Bandeira Adriana da Silva. Saberes e práticas dos adolescentes na prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. *Rev. bras. enferm.* [Internet]. 2003 Apr [cited 2021 Apr 16] ; 56(2): 160-163. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672003000200010&lng=en. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672003000200010>.
- 15) Silva Sílvia Manuela Dias Tavares da, Vieira Ferreira Maria Margarida da Silva, Amaral-Bastos Maria Manuela, Monteiro Maria Amélia José, Couto Germano Rodrigues. Diagnóstico do conhecimento dos adolescentes sobre sexualidade. *Acta paul. enferm.* [Internet]. 2020 [cited 2020 May 20] ; 33: eAPE20190210. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002020000100427&lng=en. Epub May 11, 2020. <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2020ao0210>.